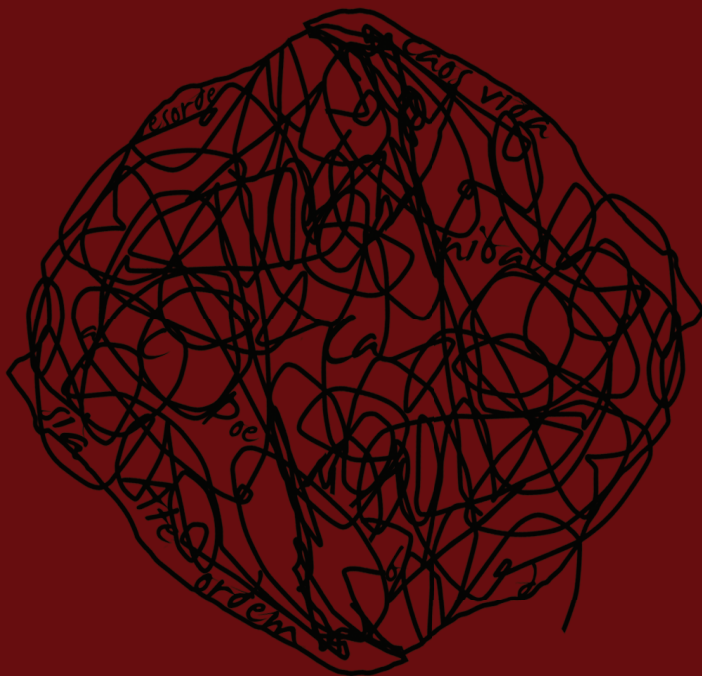


SÉRGIO NUNES DE JESUS
(Canibal)



Atentos E DERROTADOS

o caos na ordem e a desordem no caos



Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

Sérgio Nunes de Jesus
(Canibal)

**ATENTOS E DERROTADOS:
o caos na ordem e a desordem no caos**

Versão final

MouraSA
Curitiba – Brasil
2018

Copyright © da Editora MouraSA Ltda.

Editor-chefe: Railson Moura

Diagramação e Capa: MouraSA

Ilustrações: Sérgio Nunes de Jesus

Revisão: Ingrid Leticia Menezes Barbosa; Sérgio Nunes de Jesus

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

J59

Jesus, Sérgio Nunes de.

Atentos e derrotados: o caos na ordem e a desordem no caos. / Sérgio Nunes de Jesus – Curitiba: CRV, 2018.
122 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-444-2256-4

DOI 10.24824/978854442256.4

1. Literatura 2. Literatura brasileira 3. Poesia I. Título II. série

CDU 869.0(81)

CDD B869.91

Índice para catálogo sistemático

1. Literatura brasileira – poesia B869.91

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL
EM FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2018

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da MouraSA

Todos os direitos desta edição reservados pela:

MouraSA – um selo da Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418

www.editoracriv.com.br

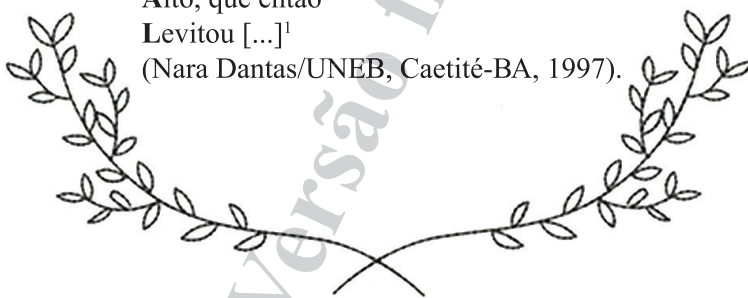
E-mail: sac@editoracriv.com.br

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização



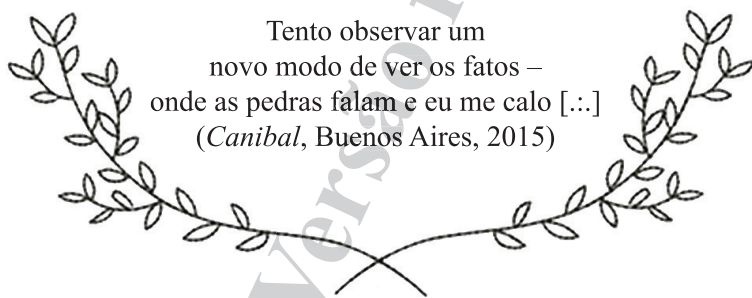
Como
Alguém
Nunca
Imaginou, ele
Brilhou tão
Alto, que então
Levitou [...]¹

(Nara Dantas/UNEB, Caetité-BA, 1997).



1 Extraída do livro: JESUS, Sérgio Nunes de. **A poética da desordem no limite da arte: atos e fatos.** Cacoal/RO. D'Press Editora & Gráfica, 2004. p. 30.

Tento observar um
novo modo de ver os fatos –
onde as pedras falam e eu me calo [.:.]
(*Canibal*, Buenos Aires, 2015)



Versão final

Para **Carla C. C. Barros (Preta)** pela ‘des’ordem na ordem cotidiana – ‘feel’;

Como se percebe as entrelinhas da vida?

Alguém um dia me questionou de maneira suave e, ao mesmo tempo, inquietante [...]

Relutante, não queria responder, mas o fiz [...]

Li um versículo bíblico e respondi: ‘nascemos e vivemos livres’ [...]

Assim foi, assim será *ad aeternum* – ela me disse e se foi [...]

∴ 32!

Para **Robson N. de Jesus (Dó)** pela ordem e a ‘malemolência’ em resolver adversidades na ‘des’ordem cotidiana – ‘smile’.

Reluz desde o seu nascimento [...]

Ostenta a liberdade como se fosse seu suspiro eterno [...]

Benevolente e sagaz diariamente [...]

Ser a essência da vida familiar [...]

O que dizer – o que pensar?

Nada – ele é assim – ele é o eterno irmão!

SUMÁRIO

PREFÁCIO	
‘CAOS E DESORDEM’	15
<i>Celso Ferrarezi Junior</i>	

APRESENTAÇÃO	19
<i>Ingrid Leticia Menezes Barbosa</i>	

(o caos na ordem)

CHAOS	22
-------------	----

O CAOS NA ORDEM E A DESORDEM NO CAOS.....	23
---	----

CICATRIZES [...]	24
------------------------	----

FORÇA & FÉ!	25
-------------------	----

À ESPERA	26
--------------------	----

POESIA CANÇÃO: vícios de uma ira!	27
---	----

I – (...)	28
-----------------	----

FÉ	29
----------	----

ÍNTIMA FILOSOFIA.....	32
-----------------------	----

E – L – O – S	37
---------------------	----

II – (...)	40
------------------	----

. . . A MARCA	41
CENA VIRTUAL.....	43
O SER CAPAZ.....	45

(e a ‘des’ordem no caos)

BRASIL.....	48
PARADOXO INFINITO	49
O CAMINHO.....	50
A IMAGEM DE DEUS.....	53
A INSISTÊNCIA PELA FÉ	55
FOME E MISÉRIA INTERNACIONAL – FMI.....	56
HOJE, ONTEM, AMANHÃ.....	57
CANUDOS – “O ARRAIAL QUE NÃO SE RENDEU”	59
FLOWER GARDEN.....	61
FLORES NO JARDIM	62

(atentos & derrotados)

DESIDERATA	64
HOJE!.....	66

EU (RE) COMENDO	67
EU (NÃO) RECOMENDO.....	68
O VENTO	69
HUMILDADE POÉTICA.....	70
O NOME DA FOME.....	71
O CHATO!	73
. . . INSÔNIA	74
A LÍNGUA (A DIALÉTICA DE UM BEIJO...)	75
. . . A S A S	78
AINDA.....	79
A BEBIDA	80
MY WAY II	81
ALGUÉM CONTOU: ninguém ouviu.	82
A VIRTUDE.....	85
A CASA DOS RELÓGIOS	87
O PRIMEIRO OLHAR.....	88

Versão final

PoemArteMusical

MEDÍOCRE VIOLÊNCIA URBANA	92
PARTIDOS	93
CASA DA DINDA	94
MENINOS DE RUA	95
FORMAS	96
GUERRA CIVIL	97
SANTO OFÍCIO	98
AMEAÇA NUCLEAR	99
RESTOS DE ONTEM	100
INCIDENTAL – PAREDE DE CONCRETO (Paulistinha)	101
PESADELO	102
PAPA BURGUEÊS	103
PLANALTO	104
ATÉ QUANDO	105
VÍCIOS DE UMA IRA!	106

“O POÇO E O PÊNDELO” (O Auto da Fé)	107
OS DIAS DE ANA CLARA (são os meus...)	109
SUBLIMAÇÃO AO VERME	110
PALAVRAS	111
ATITUDE AGRESSIVA	112
ESPÁRTACUS	113
INCIDENTAL AFRICANO	114
A TRILHA.....	115
ROTINA “REPETIDA”	117
REFERÊNCIAS	119

Versão final

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

PREFÁCIO

‘ *Caos e Desordem* ’

Percorra o mundo. Pergunte qualquer religioso de qualquer religião. Ele vai lhe dizer que o começo de tudo é o *nada*, é a *desordem*, é o *caos*. Os gregos, aliás, deram esse nome mesmo a esse tal de nada: *Caos*.

Caos é a desordem, a ausência de forma, de cheiro, de beleza, de face. O Caos é a esperança em estado bruto, é o futuro que ainda não virou presente, é a beleza que ainda não surgiu de forma alguma, é o perfume que ainda não pode ser sentido pelo nariz do artista simplesmente porque nunca foi exalado. O Caos é o nada que contém o tudo, o tudo que um dia vai chegar.

Para que o Caos deixasse de ser potencial bruto e se tornasse realidade encantadora, os gregos criaram o Cosmos. O Cosmos é a ordem. O Cosmos é a esperança tornada realidade, a beleza da forma que agora se pode ver o perfume que já pode ser sentido, a face da moça linda que já encanta o artista e que cria dentro dele um novo Caos.

A mente do artista é sempre um Caos. É uma mistura indescritível de *tudo-isso-e-mais-um-pouco*, uma mistura que procura uma forma para nascer, um Caos que busca ser Cosmos ou, pelo menos, um pedacinho dele. No poeta, o Caos mistura sentidos e sentimentos, imagens, dores e cores puras, vácuos – muitos vácuos repletos de beleza em estado puríssimo, pois é justamente no vazio absoluto que a beleza pura habita – em palavras.

As palavras – oh! As palavras! – serezinhos teimosos e indisciplinados que nascem na mente de um poeta gerando

absoluta desordem, que, quando a boca e a pena estão caladas, insistem em fugir pelos olhos e pelos ouvidos, que têm que ser resgatadas à força e com lágrimas, que precisam de um cosmético que as ordene. A poesia é o cosmético da linguagem.

É a poesia que dá ordem ao Caos que reina absoluto na mente do poeta. É a poesia que torna em microcosmo o que antes era só Caos cheio de indescritíveis vácuos cheios de beleza em estado bruto, puro, vazio! E a beleza agora nasce vestindo as palavras como se fosse um delicado véu branco de seda fina que deixa entrever as formas voluptuosas de cada sentimento e de cada sentido, de cada pensamento e de cada intenção ali incrustadas naquelas singelas formas-palavras que há pouco – bem pouquinho! – compunham a grande desordem – o Caos – na mente do poeta.

A ordem cosmética que agora se instaura com as palavras *recém-poetizadas* chega aos nossos sentidos e tem forma e tem cheiro e tem face e emociona e irrita e constrói [...] e destrói! As palavras vestidas de seda fina nos enganam e nos tomam de assalto! Sim! Cuidado com elas! Elas nos iludem com seu jeitinho meigo! Palavras são coisas perigosas! Palavras invadem nossa mente e sempre têm saudades de sua vidinha antiga lá no Caos, na desordem pura.

Palavras lidas e ingeridas não poderão ser mais dominadas! Gerarão em nós – oh! É chegada a nossa vez! – um *pouco-muito* de Caos. E a mente a pouco tão quietinha e acomodada – coitada! – renasce prematura e despreparada, ofegante e desesperada para a desordem dos pensamentos. É a germinação silenciosa das sementinhas de Caos carregadas às escondidas pelas palavras, sorrateiramente ocultadas naquele véu fino de beleza inebriante que envolve cada palavra poetizada. E o ciclo recomeça. Há novo Caos. Novos

vácuos. Uma nova esperança em estado bruto. Um novo futuro desejoso de virar presente.

Mas, quem garante que um dia esse novo ciclo se encerrará e que o Cosmo se reestabelecerá? Ninguém! Ninguém pode garantir uma cosmogonia quando se trata de poesia [...].

Assim, cuidado! Depois não diga que não avisei! O Sérgio é um excelente plantador de sementinhas de Caos [...].

Alfenas-MG, 21 de janeiro de 2018

Prof. Dr. Celso Ferrarezi Junior
Instituto de Ciências Humanas e Letras/ICHL
Universidade Federal de Alfenas/UNIFAL

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

APRESENTAÇÃO

A capacidade de nos expressarmos, de nos comunicarmos, de nos fazermos entender ou não, de (in)compreender, de questionar, de duvidar é que nos torna seres completos, incomuns. Para tanto, a linguagem, em suas diversas formas de manifestação está para todos e a utilizamos de forma singular a fim de externar tudo aquilo que pensamos, sentimos. Imaginemos que estamos constantemente em um ‘caldeirão’ de palavras e o que nos torna diferente do outro é a capacidade de (re)significá-las.

A poesia é uma dessas formas singulares de manifestação daquilo que brota da alma, ou talvez não brote de lugar algum que saibamos, pois somente o poeta sabe (des) ou (re)construir, (des) ou (re)organizar sentimentos e sensações.

Em ‘*Atentos e derrotados: o caos na ordem e a desordem no caos*’ a reflexão é inevitável no que tange a profundidade de cada palavra aqui expressada. O autor se utiliza de um jogo com elas – *as palavras* – para dizer e não dizer o que está ali na sentença. A sensibilidade e a dureza que permeiam cada verso, frase ou, até mesmo, morfema demonstra que a ‘ordem’ ou a ‘desordem’ estão intrinsecamente ligadas à percepção que temos das coisas.

O *Sérgio, o Nunes, o Canibal* – sim esse ser multifacetado e, ao mesmo tempo, singular, organizou esta obra em quatro momentos ou partes em que os sentimentos racionalizados por muitos dão lugar a razão poetizada. A *lírica* marcante, tão forte esta que, em alguns momentos, torna-se quase que audível, demonstra a sensibilidade que o autor emprega ao falar de *Deus* – da religião, da política, da família, da pátria, da mulher amada e do *Amor sublime*. Em meio ao *Caos*, a *Ordem*

e a *Desordem* atém-se a ‘despudorar’ sem meias palavras ou verdades os pensamentos do ‘autor-poeta’.

A marcante prefixação no processo de construção de significantes e significados é uma característica pungente em ‘*Atentos e derrotados*’.

Estabelecer a calma nas diversas narrativas e palavras aqui empregadas não é o objetivo desta obra, mas sim bagunçar o que talvez esteja ‘arrumado’ – acomodado dentro de você.

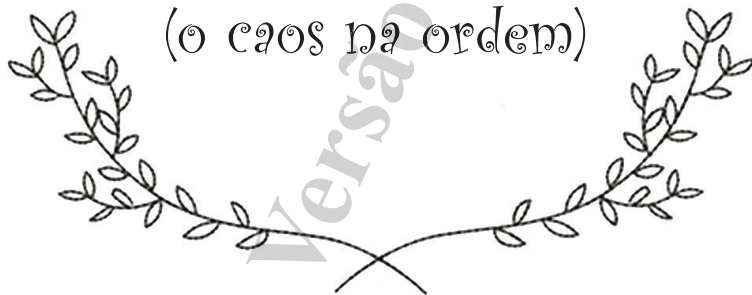
Cacoal-RO, 13 de fevereiro de 2018

Prof^a. Ms. Ingrid Leticia Menezes Barbosa
Pesquisadora do *Campus Cacoal-IFRO*

Versão Final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

(o caos na ordem)



Versão final

CHAOS²
[THE 4 SKINS]

Do you remember in 1969?
Seeing all the skinheads standing in a line
Foaming at the mouth, Waiting for a fight
High boots, cropped hair, what a fucking sight [...]

[..]

We are the new breed, we will have our say
We are the new breed, we ain't gonna die
Chaos, chaos, chaos, don't give a toss
Chaos, chaos, chaos, don't give a toss!

2 Written by Volker Gruener, Four Skins • Copyright © Sony/ATV Music Publishing LLC, Universal Music Publishing Group.

O CAOS NA ORDEM E A DESORDEM NO CAOS

Espero que se lembre de 1969
Ver os Carecas gritando pela ordem.
De botas ilustradas e cabeças bem raspadas
Na linha de frente o Careca não teme nada!

Você trabalhador que rala o mês inteiro
Estamos nessa guerra, pois nós somos brasileiros.
Os problemas nas ruas, os problemas por aí
Estamos no Brasil e não iremos desistir.

Índios – Negros – Mestiços, brasileiros do por vir
O Caos é iminente – a corrupção está aqui
Olhem os Carecas – estamos por aí
[professores, advogados, cientistas e juristas...]

Tenha mais respeito e o Brasil vai progredir
Olhem esse caos por todas as cidades:
Falta de respeito, ilusão nas esperanças – guerras pelas ruas: estamos
bem aí!

Crimes todos os dias e o que nós vamos fazer
Olhem os Carecas – mudamos para crescer.
Tenha mais respeito e os carecas estão aí
Mudando o Brasil e o povo progredir!

Caos – caos – caos!
Carecas no Caos!
Caos – caos – caos
Carecas no Caos!
Brasil!

CICATRIZES [...]

Cicatrizes [...]

Do passado [...]

Do movimento em movimento [...]

Da vida [...]

Das marcas da vida [...]

Do Brasil e para o Brasil [...]

FORÇA & FÉ!

Encare sem medo a face dos seus inimigos
– seja bravo e persistente! – fale sempre a verdade

mesmo que te leve a morte! –

Serás honrado [...]

Esse é o seu juramento para que se lembrem
da sua força e fé!

À ESPERA . . .

. . . de quem se espera . . .
 . . . um afeto
 . . . um afago
 . . . uma afeição
 . . . um ínfimo aperto de mão
 . . . a felicidade
 . . . o furor do desejo . . .
. . . a destreza do funesto arrependimento
 . . . a fidelidade da inconstância
 . . . a infidelidade da harmonia
 . . . daquele que fica à espera
 . . . a fingir um olhar alheio
 . . . mas fúnebre de espera
 da tua face . . .
 que penetra o frio da tua alma . . .
 a fome da tua inconstância . . .
o feio da tua curiosidade deseducada . . .
 da friidez de tuas atitudes . . .
 da franqueza efêmera . . .
 da força que não tens a fim . . .
 . . . e então . . .
 da sorte . . .
 que engole o fruto
 dessa impureza
 que espera à mesa
da suposta esperança que não chega . . . nunca! . . .
 eu!
 (. . .)

POESIA CANÇÃO: vícios de uma ira!³

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

Uma ira desperta o inferno da paixão
À vontade de destruir – um momento sem dor e sem razão
Violências esmagadas sobre a destruição
A fome e a miséria consomem à sua mente...

Seus...pecados dizem não...
Não importa a gula,
Não importa o orgulho,
SIM! um aperto de mão!

A cólera a destrói
Os pobres da luxúria e da paixão!

Ignorância, Doçura,
Exigência e perfeição!

3 Poesia dedicada aos alunos do 2º. Ano, do Ensino Médio, da Escola Monteiro Lobato – Espigão D'Oeste/RO, 2004.

I – (...)

Í m p e t o !
penso e existo;
não penso e desisto;
creio para ver;
não creio sem crer;
vida e morte;
a morte na vida
a presença d'alma . . .
– profana ! ?
você!

(...)

FÉ

Tu me deste prova de que
nascestes e, todos clamaram por ti,
e o sofrimento tem que ser
compartilhado conjuntamente nas
situações, embora desesperadora,
precisaremos de fé...

Tu me deste prova de que,
cada vez que a lua se vai,
o sol renasce nossas esperanças
que ficaram para trás e que
teu amor é tão puro quanto
um embrião ainda em formação,

Tu me deste prova de que
cada criança a ser gerada
é uma prova de nosso destino,
pois a humanidade é cruel
e as pessoas ambiciosas
pela efervescência
que o dinheiro as atrai,

Tu me deste prova de que
a fé é remota
e remove realmente as montanhas
e que somente a verdade
incomoda os mentirosos de espírito,

Tu me deste prova de que
a paciência é a filosofia dos sensatos
e a virtude dos sábios pela fé,

Tu me deste prova de que
o desespero é a fraqueza
daqueles cuja fé só aparece
quando não encontram outras
“divindades alheias”, ora a tua,

Tu me deste prova de que
a perseverança é a glória
dos vitoriosos de espírito e que
só o amor conhece a verdade,
no trabalho e na confiança
que nos levam ao triunfo
da plenitude celestial,

Tu me deste prova de que
devemos amar nossos semelhantes
sem discriminação, pois,
os caminhos são surtuosos e
devemos seguir o caminho da verdade,

Tu me deste prova de que
quão tem o valor da vida
embora se vejam miseráveis nas suas
e mesmo que a solução tarde a chegar,
seremos a solução desses,

Tu me deste prova de que,
por mais que nos façam
ou nos desejem mal, devemos perdoar-lhes
e entregá-los à justiça divina,
pois ela é a justiça dos injustiçados,
que de olhos bem abertos
não falha nunca,
contrária à justiça dos homens,

Tu me deste prova de que,
por mais que saibamos
as leis, as obras e algo mais,
nunca sabemos o bastante;
é preciso entregarmo-nos de
corpo e alma, deixando, assim,
o “Senhor” trabalhar em nossa
vida, pois a paz “celestial e
interior” estará sempre presente
em todos os nossos momentos,
sejam eles bons ou ruins,

Tu me deste prova de que
a cada galho ou folhagem
caída no chão de uma árvore
uma vida se vai ao seu convívio...
e, se vemos a cada dia
brotar num campo diversas espécies
de flores a cada amanhecer,
a tua vida renasce em cada
uma delas, pois
“em cada ventre nasce um novo
coração...”
...então, obrigado, Senhor, eu acredito.
Eu tenho FÉ...

ÍNTIMA FILOSOFIA

O homem nasce à imagem e
semelhança de Deus,
é criado o universo,
neste universo encontramos o ar,
a água e o fogo que completam
a existência deste universo ora
criado com o objetivo de que não haja
discórdia, discriminação, miséria,
ganância e a desunião entre as pessoas.

O sacrifício dos homens chega a ser
longínquo comparado ao filho
do criador,
mesmo assim, o homem insiste,
ou melhor,
finge a sua bondade breve cairá
sobre suas ações impostas aqui
na terra pois quem faz aqui
pagará com a mesma moeda.

Todos fingem ter educação,
mas são poucos os que a transmitem...
E assim, dominando o coração,
não precisaremos das riquezas
na juventude, que é a nossa
virtude na sombra da velhice...

Quando precisamos de ajuda,
grita como num pranto de um eco
pois “a arte é a mais bela de todas
as mentiras”.

Um dia, Gonçalves de Magalhães falou:

– “Tudo pelo Brasil e para o Brasil”,
mas os homens continuam matando-se
uns aos outros pela ganância do
poder e usurpando
tudo que encontram pela frente...

Sei que estou lutando consigo mesmo
e estou me destruindo aos poucos...

Sei, também, ninguém força ninguém
a pecar, mas a justiça...

...que injustiça,
continua a insistir em nos condenar...

Se enfrentas um sacrifício hoje,
é motivo para que enfrentes
de cabeça erguida e sem temer
os obstáculos da vida...
...e assim, a virtude se erguerá
com a plenitude
e estaremos conseguindo as boas obras,
como num livro que está sendo
escrito todos os dias...

As tribulações existem,
as ignorâncias também,
mas a vida em excelência
vem dos “CÉUS”...

Todos sofrem, a vida é uma arte,
um, caminho para o nada
provém d’um sucesso esquecido...

Sem conhecimento tu és
menos que qualquer outro
por isso, façamos o melhor
o que ainda não foi feito,

sem críticas ou blasfêmias,
mesmo que *“el sentimiento
no lo há podido el saber”*,
pois nada é impossível
quando se tem um objetivo.

“Lançar-se na luta mesmo exposto
aos insucessos é mais vantajoso
que permanecer na penumbra
com aqueles que não conhecem
nem a vitória, nem a derrota
dos corajosos”.

Ah! Como é bom sonhar!
os beijos merecidos da verdade
só quando preenchem os nossos “egos”,
tendo uma paixão provisória,
então peço a ti:
que seja linda e louca a
nossa história...

Ser feliz é triunfar,
experimentar a luta quando
esta determina a oportunidade
de vencer, vencer ou vencer,
como numa questão de honra
“na linha de frente”...
...é o sabor da felicidade...

Masturbo minha mente aos poucos,
reflito num destino,
numa filosofia de vida...
gostaria de saber: como resolver
o problema dos alunos com a
“matéria” ou até mesmo dos
professores que confundem a

cabeça dos alunos com a “matéria”?
Meu Deus! Que confusão!

Às vezes sinto-me só e
telefone para alguém,
esse alguém me ouve, só ouve...
mas o telefone só encurta a
distância, não mata saudades...

Continuo masturbando minha mente
e percebo,
a ignorância é o fruto de uma
vã filosofia ora adquirida por nós.

Sei também que um homem
de decisão consegue sempre o
que quer, seja qual for o tempo
que demorar ou os obstáculos
que encontrar no caminho,
ele sempre seguirá de cabeça
erguida, sem se arrepender
no futuro.

Destino cruel, mundo e filosofia
humana que não passa de
pensamentos sábios servindo de
exemplos morais para a humanidade,
que pena, gritarei, mas ninguém
ouvirá o meu pranto soando
como um sino que tine num
abismo sem luz
e sem socorro, que pena...

Deus, criador de todas as coisas,
Cristo, seu filho, morreu por nossos
pecados aqui na terra,

Às mães daremos o nosso amor
até o fim da eternidade,
Eu, filosofia de um destino
traçando meu caminho,
Meu filho, a herança da “bênção
divina”,
Você, não sei explicar!
A vida; o destino é cruel,
o mundo é ganancioso,
e a filosofia, ah, filosofia,
tu és a mais traiçoeira
de todas...

Versão final

E – L – O – S

Ela subjetivismo
Ele razão
Ela plenitude
Ele taquicardia e palpitação
Ela raiz de gengibre reenergizante
Ele rápida e forte emoção
Ela doce espera de um gesto
Ele nada que se possa interpretar como indicação
Ela laço sereno de afeto
Ele reencarnação, não sei não!
Ela a ‘rainha’ da selva
Ele o ‘arqueiro’ da paixão
Ela soltos delírios
Ele libido e outra convicção
Ela lunar e sentimentos humanos
Ele leve violação
Ela MPB e pop rock
Ele microfônias, barulho e violação
Ele lucidez e lógica
Ela desordenação
Ele o limite
Ela transpondo seus passos
Ele temperamento do proibido
Ela as leis da moralidade
Ele fúria contida
Ela estado de sítio
Ele 40 e uns...
Ela alguns...
Ele o Zorro dos oprimidos
Ela ainda sem explicação
Ele desconfiado ao extremo
Ela medo de ser mal compreendida

Ele incógnita (aparente)
Ela verdadeira (transparente)
Ele lado oculto de um desejo
Ela certeza de outras vidas
Ele força e determinação
Ela em busca do nirvana
Ele crença na ressurreição dos corpos
Ela crença na imortalidade da alma
Ele gosta de escrever em inglês e faz atas em silêncio
Ela a arte da palavra e tagarela
Ele gosta de pão e cerveja
Ela amante de chocolate e brincadeira
Ele 'I love you'
Ela 'Eu te adoro'
Ele desenha e também é artista
Ela só desenha casinha e nada de mais
Ele hiberna sempre que trabalha demais
Ela carisma e atenção sempre
Ele curte os amigos e escreve crônica também
Ele fã de playboy e lê a Bíblia
Ela lê Turma da Mônica e muito mais
Ele escreve paradoxo e publica
Ela escreve sentimentos na memória e não revela
Ele faz um macarrão de matar (horrível)
Ela PhD na cozinha (delícia)
Ele toca bateria, canta e tem uma banda
Ela é Beethoven em alma viva
Ele tange o sapinho da sala
Ela o convida para se retirar
Ela 'like your Father'
Ele 'like your Mother'
Ela é carinhosa e atraente
Ele não muito feio, radical e inconsequente
Ela é maleável e trapezista em discursar
Ele radical na linha da frente
Ele quando fala em público sempre diz: 'de antemão'

Ela fica engasgada e cheia de mãos
Eles quando se viam, mesmo por um fitar de olhar era bom
Eles são pequenos magos
Eles são pequenas plumas
Eles são coisinhas que brilham
Eles são o que é mina
Eles são a grande subversão do sonho
Eles têm as ordens proibidas
Eles são sérios

Elo preso a outro Elo

O que torna o que fazem maior do que é

Eles atraem e formam o centro do universo

E não conhecem o significado da afinidade

E mesmo assim vão fundo nas

Partículas ocultas da matéria ao

que não se explica no mundo.

A ideia de Deus, a poesia, as
razões do coração.

Será onde se extrai o destino?

E o contraste autêntico das diferenças?

Entrever aos poucos. Devagar.

Por toda a vida.

Porque não sabemos a hora em

que as calêndulas se colorem de

um amarelo-luz, nem o aroma

do sândalo e muito menos o

sabor do alcaçuz.

E então: nos olharemos e vigiaremos violenta ternura...

“Um dia, data, mês e ano qualquer... estaremos sempre presentes...”.

II – (...)

A Lua em Vênus, você sabia?
que era loucura, uma folia
pura emoção, não se mistura
o Iguana e o Dragão...

E essa poção misteriosa,
a tatuagem no braço, éter,
láudano, manga-rosa mineral
e radioativa.

Toda a eletricidade, Shiva, Thor,
Cromos e Zeus
Santíssima Trindade não se mistura
o decifrar dos “Céus”.

E o metal pesado da cidade
Eu sabia, iria complicar
Havia urânio, a possibilidade
de um engano.

Alguma coisa no ar
Na região solar
Uma atração de nos fazer mudar
o itinerário de uma paixão...

Deixar o “Arqueiro” do amor
Misturar-se à selva...

... A MARCA ...

O bem que te queres
Há muito me viu chegar
Dizer coisas aqui, desfazer o que disse lá
E teço doidos itinerários
Em tudo você está
Na busca insana, no perpetuar...

O bem que te quero
Há muito me viu chegar
Atravessas ruas e continentes
Em tudo você está
E sonho com as pinturas de Van Gogh
Na busca insana, no perpetuar...

O bem que te quero
É cheio de pudor e acanhamento
Há muito me viu chegar
Na marca dos queijos e vinhos
Que não dá pra comprar...
Em tudo você está
Na busca insana, no perpetuar...

O bem que te quero
Há muito me viu chegar
Nos desenhos baudelairianos
No jeito bom do teu jeito
No limitado espaço dessas ruas
Em tudo você está
Na busca insana, no perpetuar...

O bem que te quero
Há muito me viu chegar

Colecionar coisas, desfazer tuas amarras
Ouvir tuas musicas e sonhar
Desejo inconsciente de ter você
Presente em meu olhar...
Em tudo você está
Na busca insana, no perpetuar...

E assim tento me desviar
Do seu jeito e caminhos,
Tento tudo: livros, família, Jô Soares,
Chocolates, jornais e muito mais
Mas, em tudo você está...
Conversas com plantas
Festas de crianças,
Não adianta tentar,
Pois até na Primavera
Achei de ti encontrar...

Porque és aquela coisa forte;
Próprio de tudo o que é bom,
Especial, que quando chega
É para ficar
É impossível não gostar,
Porque desde cedo aprendi,
Aprendi a seletiva
E não dá pra mudar,
Pois o bem que te quero
Há muito me viu chegar...

E até os telefones emudeceram
Por causa do teu olhar...

CENA VIRTUAL

Gostei de você desde o primeiro dia;
(não “foi tudo”...)

Gostei de você no caminhão;
(encheu meu dia “de alegria”...)

Gostei quando escreveu “Sem título”;
(me senti querido...)

Gostei quando te encarei;
(o “arqueiro da paixão”...)

Gostei de te ver “embaraçada”;
(gênio incomum...)

Gosto às vezes de falar, “bravejo”;
(acabo te ouvindo sempre...)

Gosto de observar calado;
(“teus olhos prendem” por perplexidade...)

Paradoxo: Não gosto de observar tua face “cabisbaixa”;
(demonstra reprimida...)

Gostei quando passaste na minha rua;
(sei que foi num “sonho”...)

Gostei de ouvir: “I love you”;
(difícil de acreditar; coração de pedra...)

Gostei quando me perguntou de forma infantil: “você me acha bonita”;
(respondi ainda dormindo: harmoniosa, seiva de toda poesia, “a mais bela de todas”...)

Gostaria de ouvir suas sagacidades;
(“contrárias às tantas minhas”...)

Gosto da tua “esperteza”;
(difícil de acreditar...)

Contudo, base da loucura seletiva;
(filosofia da minha imaginação:
Eu!...
Você!...
Nós dois? Que loucura...

Somos quatro? Sim. Interligados...

Dezesseis?

Trinta e dois! Ah!...

Bendita razão, leve e súbita da loucura

(do arqueiro da paixão: “Sagitário”;

Verdade ou imaginação?...

Versão final

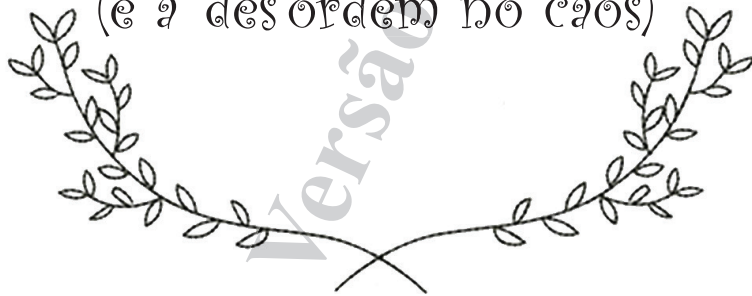
O SER CAPAZ

Desnorteados corações desfalecem a cada dia.
Dilacerar as vontades tardias em todo o momento.
O segundo de um instante perdido
Não perdoa os minutos de um desejo insano,
Puro, desbravador o qual os dias passam,
As noites passam as semanas passam e
Os meses estacionam a vontade árdua
De uma vida sem passado, presente
E futuro... de um nada...
Fruto do desejo, vida, luz, imagem
Clarividência na distância e
Inconstância próxima da tua imagem
Vista numa janela sem direção
Porém, a semente cresce, cresce do passado
Desconhecendo o presente e
Sem saber do futuro...
Provinda distância, mata meu desejo,
Vontades, alegrias, mas não vejo;
A luz é mais distante e o futuro eu não sei.

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

(e a 'des'ordem no caos)



Versão final

BRASIL

Brasil!

Ostento em minha'lma
o tempo em que viver;
és a minha nação,
pois meus antepassados nasceram de você.

Brasil!

PARADOXO INFINITO

Eu alma, você carne;
Você alimenta o desejo;
Nós, sibilando as contravenções;
Ela, alimenta sua pele.

Multidões disformes
Atentam para o nada,
Pessoa (Fernando), pessoa (substantivo)
Heterônimos com mundos diversificados; nada...

Um caminho para o nada,
Na incerteza de um paradoxo
Em questão...

O então da questão, pois,
Nada em anacoluto derradeiro
Do infinito da paixão a desordem...

O CAMINHO...

Sei que, quando eu for embora,
te lembrarás de mim de todas as formas...

quando eu partir
a simplicidade do teu jeito
cairá em desatino aos meus desejos
e aquele chocolate que não comemos de
desejo comerei uma caixa
pensando em você,

quando eu partir,
lembrar-me-ei dos teus cabelos longos
que ora escondia meu rosto
em teus braços e farei uma
canção para lembrar teu
sorriso lindo que enganava minha
face séria diante da tua,

quando eu partir,
navegarei nos livros de história
recordando todos os momentos
vividos do passado e sentirei
falta dos carinhos teus que me
acalmavam quando eu estava tenso,

quando eu partir,
a memória de “Allan Kardec e Chico Xavier”
estarão sempre presentes em mim
e lembrarei os anos 1960 em contraste ao anos 2000,
os estilos visuais que gostas
de vestir, ora fascinando e
contemplando-me,

quando eu partir,
ouvirei aquela canção
que não ouvimos juntos
nos momentos de solidão...

quando eu partir,
lembrarei o telefone recebendo
a tua chamada em espera em não me atender,

quando eu partir,
lembrarei da escolha,
onde nos cruzamos nos pequenos
corredores, trocando apenas os
olhares de respeito e coleguismo
de professores,
quando eu partir,
lembrarei as “Assembleias estudantis”
que oras sentavas na frente para
me encabular e sentirei nos
momentos de chuva aquele
desejo ínfimo e incontrolável
de te ver,

quando eu partir,
lembrarei o calor do quarto,
o relógio e a hora adiantada
e os suspiros e sussurros
que jamais serão esquecidos
mesmo distante de ti,

quando eu partir,
lembrarei os degraus da escada
recordando um castelo a ser
dominado pela força alheia,

quando eu partir,
levarei sempre comigo a tua
fisionomia mística e irreduzível...
...e quando este dia chegar...
recordaremos tudo o que passamos juntos
neste curto período em que vivemos
os nossos momentos...

Versão final

A IMAGEM DE DEUS

A Cristo, meu pai

Celestial

Revive em nós a

Imagem do

Senhor

Todo-poderoso

Ostentado por “Deus” pai...

A tudo devemos

Ignorar

Mas não

As profecias do

Grande livro sagrado,

Envolto ao

Messias

Diante a tua

Eternidade...

Deus nos

Envolve,

Unge por nossos

Sentimentos... é nosso

Pai, e

Alivia as

Inconstâncias da vida.

E te espero
Tranquilamente
Em todos os
Resultados
Naturais
Operados pelo pai Criador, “Deus”...

Versão final

A INSISTÊNCIA PELA FÉ

A plenitude da fé é válida pela

Insistência constante
Nas dificuldades e variadas
Situações
Imprevisíveis impostas nos
Segmentos
Terrestres a
Esmo de uma limitação
Natural das
Circunstancias
Invisíveis
Além da perturbação diária...
Por isso o
Engrandecimento
Livre e austero é
Almejado pela palavra fé...
Fé...
É... obrigado Senhor!

FOME E MISÉRIA INTERNACIONAL – FMI

Filhos da
Ostentada
Miséria
Encandescente.

Militantes
Incontentáveis da
Sociedade mundial,
É tu, a fome...
Rara e
Indesejável
Aos olhos de uma nação usurpada...

Ide aos braços dos ‘céus’,
Navegas em nossos cofres,
Tentadores do desejo indesejável,
E tu, continuas
Rejeitando as migalhas
Navegantes do terceiro mundo...
Agora vibra, canta, deleiteia
Consciente do seu poderio
Imaginário do
Orgulho fatigado de
Nebulosas
Alegrias de ser
Livre, livre a cobrar de nossas almas o que nos
[resta ainda de esperanças...

HOJE, ONTEM, AMANHÃ...

Hoje, outra boca te cala
Outras mãos te aquecem e afagam
E passeiam os cabelos nos teus braços
Provando o seu mundo...

Hoje, outra pele contrasta com a sua
E escorrega o néctar profundo da tua cor
Tão crua e exposta na harmonia da conversa amena
Talvez mais positivo, menos angustiante...

Hoje, transcendes além de mim
Nunca quis ser tua extensão
Nem arrumar as tuas gavetas
As estrelas brilham por si só
Mas crescer junto é ir além...

Hoje, ouves outras melodias
E os teus CD's não se misturam aos meus Lp's
Um som mais estridente e menos sentimental
Brotar em minha bateria,
Talvez o 'Ré' menor do piano emprestado
Fique por mais um século na imaginação
Onírica do caos universal...

Hoje, canalizas o pensamento para outra dimensão
Na certeza do cotidiano...
Tece planos na inocente procura do que vai chegar...
Sonetos e Castelos medievais ficam escondidos
No canto mais secreto do teu jardim
Porque hoje outro sorriso encanta o teu espaço...

Hoje, o meu sentimento não é menor
Nem ficarás escrito no catálogo do esquecimento.
Reboquei-o num quadro ‘louco’ na incôndida vontade
Da minha lúcida escolha...

Hoje, enaltecerei o desencontro
Só quem partiu, pode voltar;
Sem dramas, sem choro (Deusa de Ébano)
A vida não começa em mim, nem termina em ti...
Que pouse teu beijo na eternidade de cada hora
No contorno sensível da tua existência,
E do meu sentimento maior
Porque simplesmente “gosto você”...

Versão final

CANUDOS – “O ARRAIAL QUE NÃO SE RENDEU”

Nasce da terra um Quixeramobim
A arte viva de um intenso combate;
Antônio Conselheiro, cearense natural
Baiano de coração...

Vegetação de Caatinga
Numa terra prometida no coração da Bahia,
Escolhida à beira do “Rio Vaza-Barris”
Nasce Canudos,
Palco de uma história, uma vida a seguir...

Desbravada e perseguida
Destruída pela expedição militar...

Baionetas atravessam vidas inocentes
Brigada militar,
No fogo cruzado devastando o “ARRAIAL”
Sob a resistência do seu protetor,
Homem de fibra, resistência e sem temor...

As notícias que circulavam o Brasil
Renderam ao criador à cidade de Canudos,
Da Brigada Militar a célebre “Matadeira”...
E o massacre aos conselheiros
Gritavam felizes a expedição,
A resistência contra Canudos
E os “Cem anos de comemoração”...

Destruição no Sertão da Bahia
Surgem os libertários da pátria;
De Malês e balaiada,

Pau de colher e Sabinada,
Palmares à Revolta da chibata...

Do ano de sua fundação
Fora atraída por grandes marginais,
Diferente e incomodada pelas elites
Virou assim, o “marco nacional”...

Canudos... Canudos... Canudos...
Tua história recusa-se a morrer,
Insepulta pela tua arqueologia
O brilho da Fênix da celebre “Matadeira”
Perpetuam no tempo e em tua vida também...
Sussurros vêm da fazenda Velha; a morte,
Os estilhaços no corpo do “Conselheiro”
A tua triste “Caminheira”...

Agora, a luta pela terra
Termina a resistência...
Ouvimos elites engrandecidas
E políticos de estribeira
Num governo de piada, a história é o Brasil,
Com o “marco” de um município
Chamado CANUDOS na história do Brasil...

FLOWER GARDEN

Observe what happened.

Before it was good in this way,
We contemplated and sang happily
Policing our letters and now
We lament the death of the seed...

Inexplicable and sudden this absence.
They cut its navel and its songs.

Renato because he said Russo
Original in what he made,
Legião Urbana only in memory now...
Legendary forever, his song will live
/in our hearts.
/good-bye, good-bye, the flowers in the garden
/they cry the lost seeds...

All pass in our life with a little love
/The distance in our hearts. Why?
/I think it is that...

FLORES NO JARDIM

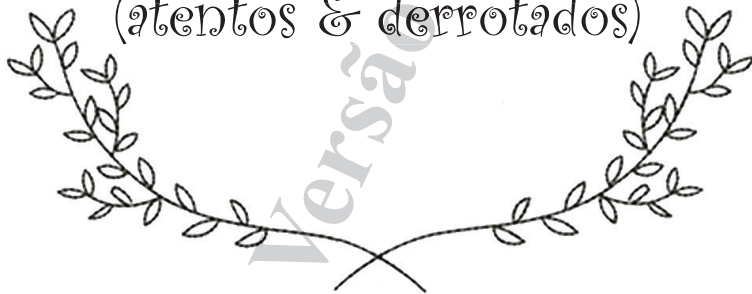
Observe o que aconteceu.

Antes era bom assim,
Contemplávamos e cantávamos felizes
Policinando nossas letras e agora
Lamentamos a morte da semente no jardim.

Inexplicável e repentina esta ausência.
Cortaram o umbigo e suas canções de amor.

Renato porque disse Russo
Original no que fazia,
Legião Urbana somente na memória agora...
Legendário para sempre, suas canções
Serão vividas em nossos corações.
Adeus, Adeus, às flores no jardim
Choram a semente perdida...

(atentos & derrotados)



Versão final

DESIDERATA

Siga tranquilamente entre a inquietude e a pressa,
lembrando-se de que há sempre paz no silêncio
Tanto quanto possível sem se humilhar,
mantenha boas relações com todas as pessoas.
Fale a sua verdade mansa e clara e ouça a dos outros,
mesmo a dos insensatos e ignorantes,
pois também eles têm sua própria história.
Evite as pessoas escandalosas e agressivas;
elas afligem o nosso espírito.
Se você se comparar com os outros,
você se tornará presunçoso e magoado,
pois haverá sempre alguém superior e alguém inferior a você.
Você é filho do universo, irmão das estrelas e árvores.
Você merece estar aqui.
E mesmo sem você perceber, a Terra e o Universo vão cumprindo o
seu destino.
Desfrute das suas realizações, bem como dos seus planos.
Mantenha-se interessado em sua carreira, ainda que humilde,
pois ela é um ganho real na fortuna cambiante do tempo.
Tenha cautela nos negócios, pois o mundo está cheio de astúcia;
mas não se torne um cético, pois a virtude sempre existirá.
Muita gente luta por altos ideais
e em toda a parte a vida está cheia de heroísmo.
Seja você mesmo.
principalmente não simule afeição,
nem seja descrente no amor,
porque mesmo diante de tanta aridez e desencanto,
ele é tão perene quanto a relva.
Aceite com carinho o conselho dos mais velhos
e seja compreensivo com os arroubos inovadores da juventude.
Alimente a força do espírito que o protegerá
no infortúnio inesperado,

mas não se desespere com perigos imaginários.
Muitos temores nascem do cansaço e da solidão
e, a despeito de uma disciplina rigorosa,
seja gentil para consigo mesmo.
Portanto, esteja em paz com Deus,
como quer que você O conceba.
E quaisquer que sejam os seus trabalhos e aspirações,
na fatigante confusão da vida,
mantenha-se em paz com sua própria alma.
Apesar de todas as falsidades,
fadigas e desencantos,
o mundo ainda é bonito.
Seja prudente, faça tudo para ser feliz.

(Inscrição datada de 1684 e encontrada em uma igreja de
Baltimore, Estados Unidos. Tradução de Jehur Bortolozzi
– adaptação do professor Sérgio Nunes de Jesus).

HOJE!

Hoje!

Eu sinto, insisto, não minto,
insisto,
 não sei . . .
o beijo,
o queijo,
o ens“eijo”,
o des“eijo”,
 não sei . . .
a cantar,
a olhar,
a chorar,
 . . . o sujeito . . .
 não sei . . .
a palavra,
ela mata,
ela enfeita,
 rejeita,
 sustenta,
 encarna,
 interpreta,
ela para,
ela olha,
observa
e desmancha . . .

Hoje!

Eu sinto, insisto, não minto . . .

EU (RE) COMENDO . . .

. . . a mão . . .
que afaga é a mesma que apedreja;
o cão que vomita é o mesmo que come o vômito;
Eu (*re*) recomendo . . .
. . . o escarro de um decrépito,
as víceras de um cão,
a urina e as fezes, o sangue coagulado;
Eu (*re*) comendo . . .
. . . o pulsar de uma vida,
o nascer e o pôr do sol,
a metida mais gostosa,
o orgasmo mais louco;
Eu (*re*) comendo . . .
. . . o alimento mais nobre,
a comida mais porca,
a vida,
o morrer,
o nascer,
a cerveja mais “quente”,
a loira mais “gelada”,
Eu (*re*) comendo . . .
. . . o detrito do lixo,
o homem bicho,
o bicho homem,
Eu (*re*) comendo . . .

EU (NÃO) RECOMENDO

A corrupção,
as mazelas,
as sequelas,
as misérias das favelas,
as tramelas das janelas
as sanções,
as mansões dos barões:
– O Cortiço;
mas (*re*) comendo:
– não a Senzala, mas a Casa Grande,
– a Carne de “Julio Ribeiro”,
– o Perfume de “Patrick Shüskind”;
a vida,
o belo,
o elo,
o violoncelo,
o coco do amor,
a flor,
a rosa do “ROSA”,
os espinhos da morte,
da sorte,
o trote,
o porte,
o forte e o fraco
do tempo e o vento
na lua da Analua
que é tua,
crua,
sua,
minha
quem sabe nossa
ou vossa;
eu (*não*) recomendo...

Versão final

O VENTO

O vento que não é do litoral
do forte
rumo norte
da morte
da vida do
vento
Vento?
Tento!
Sento e sinto
o ventar
do ser
o ter
o quê?
da sorte?
na morte!?
da vida!?
Ter . . .
Ser . . .
Ver . . .
o quê?
o vento
pensamento
na fome?
é, sem nome
que come!
a sorte!
a alma “Careca”
da vida
do espírito do vento sem alento . . .

HUMILDADE POÉTICA

Palavra puxa palavra,
palavra puxa o mundo,
puxa o fundo,
puxa o (Ed) mundo;
– “O Grande Mentencapto”.
Puxa o signo,
o sinal,
a essência do cenário
do pecado,
do fruto liberado & proibido: a delícia
do sentido,
do não dito,
do sema,
do semema,
do sinônimo sem antônimo: que alívio
do homônimo,
do parônimo
de entender a pessoa
de Fernando Pessoa;
seus heterônimos;
do seu, do eu
de entender
a essência da vida
que imita a “arte-vida”;
da lexicografia de Guimarães Rosa;
e de que é a “rosa?”
a “rosa” é de Hiroshima
que não tem rima
e só ensina o que é a vida,
a vida curta?
A vida é longa!
A vida sem-vida,
A vida-morte!?
Da sorte que não tem vez . . .

Versão final

O NOME DA FOME

Matar a fome?
A fome de quem?
De alguém!?
De ninguém!?
A fome não tem nome;
A fome não tem cor;
A fome não some;
A fome não tem sabor;
A fome não tem cheiro;
A fome é incolor . . .
Ela é sem graça;
Ela é sem salsa;
Ela é sem rima;
Ela não tem clima (que) clima?
Mas . . .
Eu como o quê?
Às vezes,
quem sabe,
talvez
ou como “alguém”,
não como “ninguém” . . .
aliás eu como ou quem sabe,
engano a fome . . .
E cadê o nome?
O nome da fome!
O nome de quem come!
E quem come!?
Eu como,
Tu comes,
Ele come,
Ela, “lá” também come,
Ele come
– E nós!?

– Esperando a fome
que não come.
Não some.
Que embaraça;
Que não passa, transpassa
o gozo do vazio;
sem brio,
sem graça,
sem raça,
sem nada . . .
A fome que não é “zero”
É um “flagelo”;
Matar a fome do homem
Que tem fome . . .sem nome . . .
. . . “a fome!!!” . . .

Versão final

O CHATO!

O chato é chato mesmo!
Até o nome do chato é chato!
Parece carrapato,
Mas é chato.
Incomoda como um sapo;
Mas é chato!
Chato,
Ato,
De fato,
Palhaço,
Pato,
Gato
Rato,
Chato, ah!
Chato é chato mesmo
Até o nome de chato é chato;
Que chato!

... INSÔNIA ...

Nada

. Pela .
. Causa... .
. Fala .
. Cara! .
. Tua .

M a l a

C e l a

.....**Ela**.....**F i l a**.....**Ela**.....

C o l a

M u l a

Tua .

Beleza .

No .

Dia .

Ia .

Sorria .

.....**Pequena Maria**.....

Ah! .

. Eu vi. .

. Ali! .

. O quê? .

. Pra quê? .

. Não sei! .

. **Então!?!...**

. Partiu... .

. Pra longe... .

. De onde... .

. “Ontonte”... .

. “Diz vez”... ..

“Ingrês”

A LÍNGUA (*A DIALÉTICA DE UM BEIJO...*)

Tudo aconteceu por causa de um beeeijo...

. . . na boca,
gostoso,
meloso,
suave,
 intenso,
 sem igual,
 temido,
 destemido,
 fingido,
 ardente,
 demente,
 com alma,
 desalmado,
 apaixonado,
 desnudado,
 calado,
 tagarela,
 de Coração,
 infernai,
 caloroso,
saudoso,
sedutor,
no atacado,
no varejo,
de graça,
 sensual,
 lacivo,
 nocivo,
 no cio sem brio,
 no frio,
 no rio,

**nas nuvens,
no céu,
calçado,
descalço,**

**nuelo,
sem elo,**

sem temer,
sem falar,
sem olhar,
um beijo

no queijo,
o amor da língua de trapo no beijo . . .

**na cama,
no quarto,
no banheiro,
chuveiro e no chão,**

**cozinha,
portão,**

n'um simples aperto de mão,
ou não . . .

doente,
febril,
hostil,

com reza,
na igreja,
**ou tristeza,
com tudo: na destreza,
ou incerteza,**

**na magreza,
na pobreza
do povo,**

**da população,
das pessoas,**

da humanidade sem solução,

na credence do amanhã,
no dia de cada dia,
no amigo d'um irmão,
na esperança d'um emprego,
na verdade d'uma boca,
que nos mata em “avelã” . . .

...ASAS...

Cale

sinta ...

Fale

não minta ...

A boca

insista ...

Diga

eu falei ...

Explique

eu sei ...

E disfarce

assim ...

... a s a s ...

AINDA...

**não quero ser
 não quero ter
não quero estar
 sem devaneio
o padrão de liberdade "... o desejo ..."**

A BEBIDA

Cálida
Caliente
Rosa
Não a rosa da Rosa
A Rosa de Hiroshima, não!!!
Furacão!
Vulcão!
Sansão!
A solução!
O castigo!
O pecado!
O céu
O inferno
A bebida
A metida
O prazer e o delirar
O viver!
A bebida . . .

Versão final

MY WAY II⁴

Ando sozinho à noite
e percebo, sinto-me só.
A solidão adentra em minh'alma
dilacerando minhas esperanças
que, agora vejo, não as tenho mais.

O escuro das trevas parece
ficar tão íntimo de minha vida,
adormeço n'aurora e desperto
ao entardecer do dia.

Acho que (permanecerei) persistirei
em minha loucura.
Será? Talvez, mas tornar-me-ei sábio
pelas proezas deste caminho tão
suntuoso que vejo diante de mim...

Caminho, se tu és a passagem da
minha vida suntuosa, responde-me?
ou cala-te para sempre,
deixa-me só, encontrar-nos-emos em breve
no caminho das terras vermelhas.

Senhor, tu és a única solução, pois
o maior discurso dos homens são
as tuas obras.
Então, guia-me, Senhor.
A vida é traiçoeira e tu és
a minha sombra neste
caminho tão suntuoso...

4 Poesia classificada e publicada na Antologia Poética das Faculdades de Ourinhos/SP.

ALGUÉM CONTOU: ninguém ouviu...

[...] Numa manhã de sol em meio a uma entediante reunião educacional, cujo comandante deslavava a política.

Falares... discursos... hipocrisia. Que chatice, afff [...]

Estavam lá diferentes, autênticos. Ela o olhou. Paralisou. Observou e o amou à primeira vista. Ele lia alguma coisa, agenda na mão, suspensório, óculos estilo próprio, andava daquele jeito sempre, mas nem percebeu os olhares alheios. O retrato do “Cristo” defronte deles. Ela o olhou. Pediu perdão. *Ele*, o “Mestre”, a compreendeu [...] – ela diferente das demais – sei lá [...].

Já o conhecia de algum lugar, pensou ela. Na boleia de um caminhão estava ele lá. A pé nas ruas da cidade – nunca teve vergonha (professor conceituado e a pé – autêntico; pensava ela rumo à educação). Conversaram poucas vezes, sorriram de vê em quando. Ele é sério e disse: – “Ganho pouco, mas é divertido”. Ela gostou da afirmativa, achou interessante e não o tirou da cabeça e se perguntava: – “de onde eu o conheço, de onde, de onde”? Maldito esquecimento, ah! Deve ser de algum lugar ou de alguém ter falado nele!

Tinha que esquecer, era impossível. Quando ele faltava: – “Tédio” – faltava, pois tinha muitos compromissos (nunca vi isso antes – pensou ela); quando ia, o trabalho se tornava deveras prazeroso.

Ele viajou; retornando, falou:

– Trouxe algo para você. Ela viajou, já gostava dele em silêncio.

Resolveu se posicionar:

– Não brinque demais comigo, o que irão pensar? Imediatamente ele pediu desculpas. Ela sem querer retrucou:

– Você me chama a atenção. Ele viajou mais uma vez.

Conversaram e veio o elogio dele:

– Você tem uma boca bonita. Tenho filhos. Ela gostou, mas em silêncio e disse: Filho! Interessante!

Vieram as conversas [...].

Ele sempre escrevia em rascunhos: anda sempre com uma caneta ou lápis na mão – será que é T.O.C.? E ele escrevia sempre em segredo. Ela sempre deu ouvidos aos outros [...] – Ele não serve para você.

Diziam. Loucura, só podia ser e sempre foi tão séria e agora se via frente a este sentimento inusitado.

Nasceram alguns escritos que permaneceram guardados e nunca publicou. O Arqueiro da paixão se calou [...].

Um encontro, uma poesia, uma poesia, um encontro como tinha que ser. Ela seriamente ‘amarrada’, ele eterno “*Don Juan*”.

Os escritos agora mais inusitados – publicou apenas em sua mente. Se aproximaram. Conversaram e o sentimento brotou e remaram contra a maré [...].

Namoradas no portão, sonhos, mistério. Ela torcia por ele como quem torce pela vida [...].

Se afastaram por uns dias. A chuva caiu e batizou o que ela um dia disse:

– Farei amor quando chover. Choveu [...], beijos, cabelos, pele morena, ele mestre na arte de fazer amor. Ela se perguntou: – Como alguém sabe o ponto? [...] sem nunca terem feito antes. Mistério? Ou um cara audacioso que sabe todos os truques? Ficou a dúvida no ar. Ela sabia que ele tinha um caráter nobre, fraternal.

Parou de duvidar. Num breve intervalo ele fecundou uma flor de outra galáxia sem a convidar. Ela ficou feliz, não houve inveja nem ciúmes porque aprendeu desde cedo que o amor é bom [aulas da escola dominical].

Trocaram fitas, chocolates e muitas poesias. Ela o achava o cara mais simpático. Só perdia para o pai (dela).

Um dia veio um cartão com flores. Ai que felicidade! Ele não era tão onipotente assim.

Ela disse: – Estou fugindo, é preciso (sem muita convicção, pois não era de coração).

Numa tarde fria, ela lia “Valquíria – Paulo Coelho”. Ele disse categórico: – Não estou. Ela chorou, o procurou e deixaram claro que o amor que têm e os fascínios das promessas não terminaram. Adeus! Amor!

E assim, dissera para ele com ar melancólico de uma vida imposta pelas forças de um sentimento alheio:

– Sempre me verás sorrindo! Mesmo nos momentos de tristeza. Sou assim! Vai ser duro te ver e não te ter. Estou sentindo um vazio enorme,

é como se faltasse um pedaço de mim. Mas vou ser forte, eu juro. Peça a “Deus” (força e inteligência maior) que te proteja e te guie por onde andares. Nunca te desvies dos caminhos do teu coração e faz sempre o bem. Aprendi com minha mãe o seguinte: “a beleza passa, a riqueza passa, os títulos e as honrarias passam, mas os nossos valores ficam. Nunca te envergonhes de falar de Deus, pode parecer pouco inteligente, mas é ainda um dos temas mais fascinantes e atuais para mim” [...].

E continuou: Guarda o talismã com carinho. Eu te espero sem cobranças, sem nada. Porque quero! Te espero não mais bonito, ou numa melhor social. Te espero da maneira que és. Livre, lindo! Se não for neste plano, será no outro. Acredito. Nunca me farei de vítima da vida, (aprendi com meu pai).

Ela sorriu; sorrimos. Ele disse: A tua história é aquela que “Mascate” nenhum contou...

Cresça, cresça devagar e por toda vida [...].

E então se separaram, e apenas os olhares emanam em suas vidas [...].

Versão Original

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

A VIRTUDE

Perguntaram-me assim: quem inventou o amor? De forma muito leiga e talvez já ultrapassada, então respondi:

– O amor procede do Pai, causa inconstância no universo que estabelece o equilíbrio das leis naturais como regra de felicidade e de ordem no cosmo. Simplificando, deve ser originado da mesma forma que o ar contagia, até mesmo a menor partícula da matéria.

Num desencadear de definições já sabidas, teorizadas e decantadas por muito, resolvi dar meu próprio conceito do tão debatido e atualizado tema que nos fascina e envolve.

Na simplicidade da minha ignorância que não tem especialidade alguma, posso dizer do amor que ele é uma luz; luz incógnita que alimenta a alma do homem por meio dos tempos, nas diversidades de suas épocas, e antes de tudo, companheirismo, cumplicidade, ideias, ideais, afinidades e projetos de vida.

Poderia dizer também desse mesmo amor que seja o fruto de uma consciência suave e doce numa sintonia do pensamento e do corpo, tendo como um código de honrar o respeito pela individualidade do outro, porque o tempo urge e o amor vive de si mesmo e os sonhos feitos diante daquilo que o padre falou, desgastando-se com o tempo, perdendo seu brilho e sua cor maior.

Reparem as trepadeiras que não têm vida própria, perdem a sua essência quando sugam a seiva de outra planta. Posso dizer do amor que ele não seja ciumento, nem possessivo, que seja racionalizado num partir de sonhos para uma realidade transparente, onde um não tenha que se apagar para que o outro brilhe.

Que o amor seja sempre um eterno encontro de luz, e que haja todos os dias novidades na rotina do cotidiano, e em nossas aspirações mais incandescentes. Porque cada um tem seus projetos, suas aspirações, procuras e respostas. Saber lidar com o amor requer espírito independente e muita coragem.

Querer o outro e tomá-lo como propriedade é minguar, esvair o brilho próprio, é despersonalizar a outra metade.

Que o amor seja como as ‘partituras’ criadas por Beethoven. Tão fortes e tão difíceis de aprender. Mas, quando aprendemos essas mesmas partituras, nos sentimos fortes e poderosos dessa sabedoria porque o amor não disputa lugares, não se expõe à lisonja.

Lembre-se: O amor surge do inesperado, e acontece sem aviso prévio nem prenúncio de chegada, é necessário apenas segui-lo.

Segui-lo na coragem e na audácia de não sermos à sombra dele mesmo, e nem do outro. Temos os nossos anseios e nossos próprios sonhos...

Podemos caminhar paralelamente, mas fundir-se é falta de sabedoria.

E olharam para mim, não disseram nada, apenas acenaram com a cabeça e se foram [...].

Tento observar um novo modo de ver os fatos; onde as pedras falam e eu me calo [...].

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

A CASA DOS RELÓGIOS

O *tempo* que não é o do Vento – eles já sabiam . . .

mas as horas ‘*quase*’ nunca perdiam
calculavam tudo; às vezes nada;
o *momento transpassava* em raios fumegantes
e os *segundos* se limitavam;

Na casa dos relógios tudo ‘*durava*’ . . .

mas a *sucessão dos dias* embebeciam às castas;
o ensejo dos desejos eram regados a vinho
– não do Porto, mas a *ocasião* era o que importava;

No *andamento de suas vidas* o riso é um *compasso*

mas a quantidade de relógios desestruturava ‘*os sonhos*’ . . .

tinha **relógio** para todos os gostos e formatos:

– de parede com formato de Chaleira,
– de Bolso (estilo anos 30/40) muito de bom gosto,
– de Pulso (modelo convencional) tinham relógios iguais
(ele o marido e ela a esposa), só mudava o tamanho das

esferas, impressionante.

– de estante – daqueles (simples), pois a intenção era o que valia . . .

– de quadrado a retângulo, ovais e até mesmo com o formato

de abajur;

Na casa dos relógios tudo ‘*durava*’ . . .

e até a *ação dos verbos* era ilimitada . . .

mas é vivendo e (des)aprendendo que não se constrói
às barreiras do tempo

que não é da “**Expressão do Tempo do Rodolfo Ilari**”

mas das forças do *tempo / vento / intento*

sem está lento e atento na ‘*expressão do tempo*’.

O PRIMEIRO OLHAR

Quinta-feira, 27 de dezembro de um ano qualquer; aproximadamente: 09:35 da manhã. O Sagitário estava lá, meio moribundo, cheio de preguiça por ter trabalhado muito na noite anterior. Subitamente, olha para o nada, desperta e vai tomar um banho e, ainda pensativo, liga o aparelho de som quase no volume máximo e ouvi “tributo a Renato Russo”; uma coletânea de músicas que foram gravadas no auge da banda Legião Urbana. Como já sabemos, nos seus 2 (dois) últimos anos, o próprio Renato se entrega a doença e a nostalgia constante em suas composições.

Às 10:20, ele chega ao trabalho, pesquisa um pouco na Internet e ainda se sente incomodado com o que ainda não sabe o que está deixando pensativo. Uma de suas colegas de trabalho questiona: Você tem alguma coisa? Tá muito estranho, rrsrrs. – Não, apenas, pensativo, mas tem algo que me incomoda. Mas... também não sei dizer o que é...

Em meio às incertezas, Sagitário brinca com os colegas que encontra no corredor e vai à secretária da empresa – iria se despedir dos colegas, pois viajaria no mesmo dia para começar um curso de pós-graduação no exterior.

Ao chegar à secretaria encontrou um tumulto de pessoas querendo ser atendidas a todo custo. – É, Final do ano em qualquer ambiente de trabalho tem essas mazelas.

Sagitário ao perceber que seria inviável se despedir dos colegas naquele alvoroçamento, decide sentar um pouco e folhear os jornais que estavam disformes e sem nenhuma organização aparente para se ler. Mas, isso também não importava, pois o mais importante era esperar um pouco pacientemente para que pudesse se despedir dos colegas. De repente, entretido com os jornais aparece uma criança de aproximadamente uns 3 (três) anos de idade e pergunta: – Você sabe ler! Subitamente com essa indagação se volta àquela criança que lhe chamara atenção.

Incutido as outras indagações e respostas de ambos os locutores, passa a contar alguns fatos das figuras que apareciam constantemente em cada página daqueles jornais. Mas o que chamava atenção eram as

figuras de “desenhos animados”, o que para nós adultos, chamamos de charge (que entretém o leitor com ironias, metáforas, sentidos e implícitos a cada contexto da história).

Mas, voltando àquela criança, cada vez mais a tirar dúvidas de tanta vivacidade que a imaginação pueril aflora ao longo da infância de qualquer pessoa. Ela, mais ou menos 65 cm, magrinha, olhos castanhos claros, cabelos loiros e os cílios bem enormes – acredito como os da mãe – que ainda não conhecia até aquele instante [...].

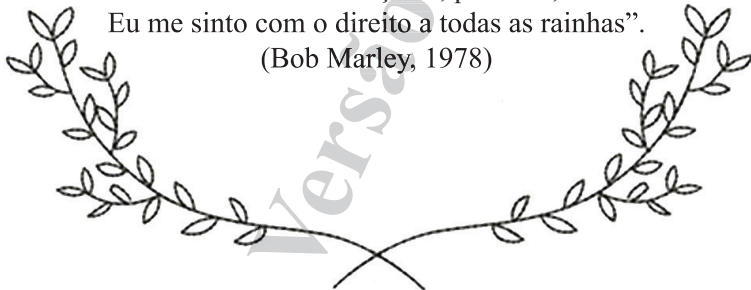
Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

PoemArteMusical

“A mulher é a Deusa da criação e, portanto, uma rainha.
Eu me sinto com o direito a todas as rainhas”.

(Bob Marley, 1978)



MEDÍOCRE VIOLÊNCIA URBANA

Muitos nas ruas procurando diversão
Muitos nas ruas procurando confusão

Eles têm medo, medo de morrer
Mas todos querem armas pra sobreviver...

Medíocre Violência Urbana

Enquanto vocês querem divertimento
Eles querem armas pra acabar com o sofrimento

Medíocre Violência Urbana

Todos sem emprego com sede de vingança
Mas quando encontram as armas começam as matanças

Eles têm medo, medo de morrer
Mas todos querem armas pra sobreviver...

Medíocre Violência Urbana

PARTIDOS

Partidos, e seus quadros políticos
É um guarda-chuva submisso,
As normas do governo para se manter
Em sua própria entidade.

Militantes do MR que presidem a fundação
Estadual do meio ambiente,
Cooptados pelo governo
É sempre decadente.

Clandestinos dos povos emergentes
Com a sua ação sempre positiva
E os vestígios de sua trilha
É a única saída.

Políticos, Cooptados

Qualquer esforço será inútil
Para nos destruir e humilhar,
Canalhas oportunistas
Vocês não acharão nada aqui!

Políticos, Cooptados

CASA DA DINDA

Vou te mandar pra casa da dinda
Pra descansar com todo prazer,
De manhã cedo fazer ginástica
Resto do dia, nada fazer.

E o Brasil!

Aonde estar o Brasil?!

Como vai meu Brasil?!

Aonde está você?

No lago norte eles compram mansões,
Quadra de esportes e clube de golfe,
Compram também um jato particular
Pra desfrutar e depois se mandarem.

E o Brasil!

Aonde estar o Brasil?!

Como vai meu Brasil?!

Aonde está você?

De vez em quando eles vão ao congresso
E vocês pensam que eles vão trabalhar,
Só que vocês estão muito enganados
Mas eles vão é pra sacanear...

E o Brasil!

Aonde estar o Brasil?!

Como vai meu Brasil?!

Aonde está você?

MENINOS DE RUA

Imenso cartão postal de nossa cidade
Eles são o futuro do nosso país,
Com ódio, angústia e revolta dentro do peito
O que vamos fazer para tirá-los daqui!

Nascem e são jogados nas ruas
Jogados ao vento frio nebuloso das trevas,
Crescem comendo lixo ou pedindo esmolas
Meninos de rua com o sofrimento na pele.

Meninos de rua, onde mora
À sua liberdade?!
Meninos de rua para sempre
A vida na cidade.

Usurpam dos seus direitos
O Estatuto da Criança não aderem mais,
Qualquer forma de negligência
Omitem aos seus direitos fundamentais.

Meninos de rua, onde mora
À sua liberdade?!
Meninos de rua para sempre
A vida na cidade.

FORMAS

Passo na avenida principal
Vejo grandes edifícios,
A céu aberto
Delírios de pedras que eles constroem.

Arquitetos Catalães
Constroem obras inacabáveis,
Importantes estilos
Super delirantes de formas e cores.

Fachadas de catedrais
Relevos esculpidos no tempo,
Criptas, Pórticos, Cônicas
Formas hediondadas.

Versão final

GUERRA CIVIL

Nas ruas os rostos das pessoas
Estampam novas esperanças,
Na boca o porta voz do governo
Nos relatam as mudanças.

Que nada adiantam

Que nada adiantam

Os podres governantes
Tiram todo **o nosso dinheiro**
Dizem a Deus aos proletários
E trazem a nós o capital estrangeiro.

Sugaram o suor de nossos pais...
Chantagiam o Governo
Pra criarem; as Multinacionais.

Os Yankees estão invadindo o Brasil

É preciso manifestar com uma guerra civil

O povo não aguenta mais; **viver morrendo de fome,**
Submisso a roubo, estupro, **miséria e repressão.**

Os Yankees estão invadindo o Brasil

É preciso manifestar com uma guerra civil

SANTO OFÍCIO

De 1620 a 1818, a infelicidade e o desespero
Pairou pelos domínios sagrados.
A igreja dominava o povo
Reconhecendo a sua força em poder do Estado.

Santo!

Santo Ofício!

Homem de grande austeridade

Que ocupa o tribunal da Santa Inquisição

Povos, cristãos condenados
A tortura, desonra e humilhação.
Eram obrigados a se calarem
Sobre o grande poder da Santa Inquisição.

Obrigados a se converterem
E tinham que levar toda sua família,
Viravam cristãos novos
Sobre a grande pressão: Da Santa Inquisição!

Santo!

Santo Ofício!

Homem de grande austeridade

Que ocupa o tribunal da Santa Inquisição

Santo; Adjetivo Sagrado.
Ofício; Substantivo masculino do ofício sagrado.
Católicos; **Portugueses.**
Protestantistas; **Todos Chineses.**

Santo!

Santo!

Santo Ofício.

Homem de grande austeridade

Que ocupa o tribunal da Santa Inquisição

AMEAÇA NUCLEAR

Muitos duvidam, poucos acreditam
No poder de uma Ogiva Nuclear,
Destruição mútua e assegurada
Ameaça Nuclear.

Clamor pela sua eliminação
Com seu poder devastador,
Os homens buscam uma solução
Perspectiva de desarmamentos,
Assim eles nos dizem, nunca acreditem nisso.

Ameaça Nuclear
Ameaça Nuclear

Sufocados pela poeira nuclear
Provocada pelos tímpanos
Ou hemorragia pulmonar,
Vítimas da radiação com moléstias e tremores
Morrendo a cada dia.

Ameaça Nuclear
Ameaça Nuclear

Bombas destroem Londres, Berlim,
Nova Iorque e Moscou
Morre todo planeta num cataclismo devastador.

Ameaça Nuclear
Ameaça Nuclear
Ameaça Nuclear; eles querem nos matar.

RESTOS DE ONTEM

Não suporto mais: **comer restos de ontem,**
Não aguento mais: **o mesmo restaurante.**

Comida gelada e **carne mal passada,**
Comida gelada e **carne mal passada.**

Boia-fria, **prato da casa,**
Boia-fria, **prato da casa,**
Boia-fria, **prato da casa não!**

Saio do trabalho para ir almoçar
Fico em pé na fila me canso de esperar
Quando chega o “prato” não consigo
Nem olhar!

Comida gelada e **carne mal passada,**
Comida gelada e **carne mal passada.**

Boia-fria, **prato da casa,**
Boia-fria, **prato da casa,**
Boia-fria, **prato da casa não!**

Ei, garçom, aqui não como mais.
E não, e não me questione;
Volte com seu prato que eu já perdi a fome.

**INCIDENTAL – PAREDE DE CONCRETO
(Paulistinha)**

Eu vou furar a parede de concreto
Com um prego enferrujado
E um martelo quebrado.

Ei, rapaz, não pise na bola,
Não fure o pneu do amigo meu.

Se eu fico aqui parado
Não vejo nada em volta
Os vizinhos incomodando
Batendo à minha porta...

PESADELO

Cidades de concretos
Matas verdes vão ao chão,
Pressão atmosférica
Sufoca a minha nação.

As aves estão morrendo, *estão morrendo*,
Os animais estão sumindo, *estão sumindo*,
Maldito ser humano, *ser humano*,
Se autodestruindo, *destruindo*.

Perece Pesadelo, pesadelo.
Parece Pesadelo, pesadelo.
Parece Pesadelo; mas é realidade...

Quem sabe,
Quem não sabe,
Que a vida dos homens;
Que não mais habitará.

Perece Pesadelo, pesadelo
Parece Pesadelo, pesadelo
Parece Pesadelo; mas é realidade...

PAPA BURGUÊS

Fumaças brancas no horizonte
Vem da Capela Sistina,
Os Cônegos escolheram mais uma vez
Um novo Papa Burguês.

No amplo saguão cheira corrupção
Nas catacumbas, pó e lixo é dinheiro,
Na sacristia reina a burguesia;
Papa Burguês. Papa Burguês.

Não beijo sua mão,
Não me ajoelho no chão,
Eu não lhe peço perdão;
Papa Burguês. Papa Burguês.

O Vaticano é dourado
Seus santos ornados,
Os sacerdotes escracham;
Papa Burguês. Papa Burguês.

Os fies protestam
Que assim não aguentam mais,
Dinheiro do meu bolso
Vocês não arrancam mais;
Papa Burguês. Papa Burguês.

Queremos que o Papa seja como Pedro;
Humilde pescador que não pensava em dinheiro
Um trapo no corpo, uma sandália de couro
Nada de seda nem coroa de ouro;
Papa Burguês. Papa Burguês.

PLANALTO

Parece um avião é bem dividida
Só os corruptos sabem a saída
Com sua asa norte de invejar
Muitas mordomias para quê reclamar.

PLANALTO! o que vai fazer?

PLANALTO! como vou sobreviver?

PLANALTO! me diz o quê fazer?

Com sua repressão *RUDE* e febril
Só vemos favelas por todo o Brasil,
Nossos governantes só querem nos explorar
Com impostos e taxas, assim não dá!

PLANALTO! o que vai fazer?

PLANALTO! como vou sobreviver?

PLANALTO! me diz o quê fazer?

São eles do poder
Que só querem usufruir
Da ignorância *PLEBE* deste país!

PLANALTO! o que vai fazer?

PLANALTO! como vou sobreviver?

PLANALTO! me diz o quê fazer?

ATÉ QUANDO

Milton Nascimento / Fernando Brant

Adaptação: Sérgio Nunes de Jesus “Canibal” – 15/01/93

A ditadura será
Nossa rotina,
Nosso destino?

A tirania será
Nosso castigo,
Castigo divino?

Por que os nossos
Sempre viram
Pesadelo, pesadelo?

A nossa democracia
Será sempre um intervalo
Entre um chute de uma bota
E um coice de um cavalo?

A carta de 1946
Morrendo em 1964.

Nos faz parar
Nos faz pensar
E o povo, onde estar?

Até quando?
Até quando?
Até quando?
Até quando?

VÍCIOS DE UMA IRA! ⁵

Uma ira desperta o inferno da paixão
À vontade de destruir – um momento sem dor e sem razão
Violências esmagadas sobre a destruição
A fome e a miséria consomem à sua mente...

Seus...pecados dizem não...
Não importa a gula,
Não importa o orgulho,
SIM! um aperto de mão!

A cólera a destrói
Os pobres da luxúria e da paixão!

Ignorância,
Doçura,
Exigência e perfeição!!!

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

5 Esta composição foi elaborada com sugestões dos alunos durante a aula de Produção Textual com a turma do 2º. Colegial da Escola Monteiro Lobato em Espigão D'Oeste – Rondônia / Maio 2004 tendo como base de inspiração o conto de Clarice Lispector "A IRA".

“O POÇO E O PÊNDULO”⁶
(O Auto da Fé)

*Impia tortorum longos
hic turba furoles Sanguinis
innocui, non satiata aluit.
Sospite nunc patria,
fracto nunc funeris antro,
Mor ubi dira fuit vita salusque patent.⁷*

Castigos, heresias e sacrifícios;
Bens conquistados pela igreja,
Bestiais consagrados na própria heresia;
O inquisidor e a Santa Inquisição.

Eram humilhados, castigados...
Postas suas vergonhas a olho nu...

Coitados pela “sorte” – que não lhes havia...

Temam a Deus, temam a sua IRA
A piedade provém, oh! Santa Maria
Seu castigo solene por bruxaria

Levada a masmorra da hipocrisia...

Oh! Salvador,

Estou entre a Cruz, o Poço e o Pêndulo.

A inquisição vos ordenará...
Almas aprisionadas pelo pecado;

6 Letra inspirada no Conto: O Poço e o Pêndulo de Edgar Allan Poe – Séc. XIX.

7 Aqui, a multidão ímpia dos carrascos, insaciada, alimentou sua sede violenta de sangue inocente. Agora, salva a pátria, destruído o antro do crime, reinam a vida e a salvação onde reinava a cruel morte.

Desejo insano, desejo inverso qualificado...

Esmeralda – Doce Maria;

Família Molina... Liberdade Morella...

Maria, Doce Maria...

– *Os anjos a chamam, seu destino chegou,*

– *Os anjos a chamam, seu destino chegou,*

– *Os anjos a chamam, seu destino chegou – (. . .) a morte!*

Oh! Salvador,

Estou entre a Cruz, o Poço e o Pêndulo.

A morte é certa,

O destino é incerto:

Escolha seu destino: – Morte por morte – Piedade por piedade!

Maria, Doce Maria

– Você estuprada, você foi usurpada,

Torturada pela inquisição...

Agora dorme o sono dos inocentes,

Os culpados serão punidos;

– Torquemada – hipócrita, tirano

Morrerás pelas torturas e pelas mãos

Das almas inocentes... – que ainda perduram...

Oh! Salvador,

Estou entre a Cruz, o Poço e o Pêndulo. (O A U T O D A F É . . .)

OS DIAS DE ANA CLARA (são os meus...)

Letra: Brás Oscar de Souza Júnior

Adaptação: Sérgio Nunes de Jesus “Canibal”

Dias assim não são tão ruins
Posso até tentar esquecer
Ana Clara ainda tenta
Ver o disco voador...

Todo esse macroópio
É pouco pra tanta dor
Vou seguir um certo guia
Se não tiver vou inventar...

Dias de frio,
Dias de nostalgia,
Dias de calor e tanta dor...

Não sei se o peito vai aguentar
Ana Clara ainda tenta encontrar
Um copto de amor
Levando meus dias assim...

...cheios de dor, cheios de tanta dor...

SUBLIMAÇÃO AO VERME

Letra: Antonio Carlos da Silva Tonny

Adaptação: Sérgio Nunes de Jesus “Canibal”

Insólito verme que exala o hálito sórdido,
Exorta o invólucro – exótico e exorna a morte,
Brama em mórbida voz – o devorador que corrói;
Enquanto destrói o exórmico devora à sua forma.

Ganancioso, implora pela infecta carne podre.
Indômito invoca pelo sangue fétido e **ao mesmo tempo morno**;
Carne e sangue de corpo que agora e morto.
Não importa a mora! É sangue! É carne! É morte!...

Findada a taciturna ceia e corroído o que era luto,
É hora fúnebre do tenebroso verme que se põe em casca;
Recuar-se em soturnos vômitos – **Transformes Metabólicos!**
Para gerar: – Trevosa larva – **Infortunada voará...**

Como varejeira em busca da enrijecida carne
Para depositar, num odioso ósculo – sobre o óbito,
A ova severa – ressuscitará a sóbria sevandija,
Que vorticiosa e carnivoraz **devorará – o vulgo desposo!**

PALAVRAS

As palavras servem pra dizer
O que sinto, digo e porquê,
A dor do sentimento é a resposta mais forte.

O sexo é mais que complemento,
É um grande momento é fundamental
A dor é uma arte em forma de sofrimento.
E algumas pessoas gostam de sofrer...

Ninguém conhece inteiramente ninguém,
Ninguém conhece inteiramente ninguém,
Ninguém conhece inteiramente ninguém,
Ninguém conhece inteiramente ninguém.

ATITUDE AGRESSIVA

Querem me oprimir mais eu vou lutar
O sangue é meu troféu, o ódio me domina
Essa é minha regra, mais eu vou lutar
Escolha suas armas, estou pronto pra brigar...

Atitude agressiva
Nesse mundo de desordem;
Atitude agressiva
Nesse mundo de desordem.

Vá tome cuidado, firmeza no olhar
Cuidado com o inimigo não se deixe intimidar
O caos e a violência acontecem a cada instante
É a opressão do com o seu semelhante.

Atitude agressiva
Nesse mundo de desordem;
Atitude agressiva
Nesse mundo de desordem.

ESPÁRTACUS

Um certo Povo escravo do poder
Cresceu e se multiplicou...
A podridão vos fez crer
Que nada vos salvaria...

**Covardes, matar pra viver
Na arena apodreceriam**

Avante Guerreiros pro mundo conquistar!
Avante Guerreiros a fé vos libertará!

**O Rei, o Rei, o Rei
Para sempre a pesar das correntes**

Mas até os reis morrem
E a fé perpetua
É o mundo; os guerreiros choram
E unidos clamam: **O Rei, o Rei, o Rei**
Para sempre a pesar das correntes

INCIDENTAL AFRICANO

Sérgio Nunes de Jesus “Canibal” – 20/08/94

(INSTRUMENTAL)

Versão final

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

A TRILHA

Silvanei Dias dos Santos, 2000

Adaptação: Sérgio Nunes de Jesus “Canibal”

Estou na trilha não vejo saída

Estou na ira feito ondas no mar

Vejo a vida num beco, na esquina

Ou numa ilha ou em qualquer lugar.

Virei o mundo tentando encontrar

Quando cheguei estava no mesmo lugar . . .

Estou na trilha sei que vou chegar

Já ouço o som que faz meu coração se acalmar . . .

Estou andando entre trapos e nuvens

Mas vou correndo dando passos no ar . . .

Ultrapassei o limite de mim

Agora sim consigo enxergar . . .

Por que a vida é assim? . . .

Estou na trilha da minha vida

Estou acima não parar

Estou andando entre trapos e nuvens

Mas vou correndo dando passos no ar . . .

Virei o mundo tentando encontrar

Quando cheguei estava no mesmo lugar . . .

Versão final

ROTINA “REPETIDA”

Derson – Maicon 2002

Adaptação: Sérgio Nunes de Jesus “Canibal”

Onde nós vamos parar
Onde nós vamos chegar
Toda a nossa vida se resume
Em uma rotina “repetida”

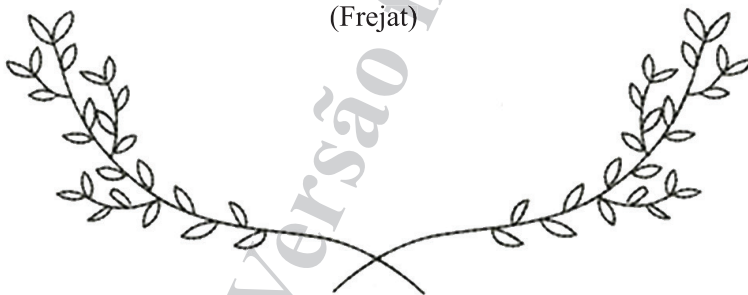
Todos os nossos dias são iguais
O vício toma conta de vocês
Não dá pra reparar – mas vai chegar
Seu dia, sua hora está prestes a chegar...

Rifes e o Solo...

Não adianta mais se preparar
A estupidez nunca irá acabar
A humanidade sempre desumana
E a insanidade às vezes é profana
Dessa rotina “quase” repetida...

Todos os nossos dias são iguais
O vício toma conta de vocês
Não dá pra reparar – mas vai chegar
Seu dia, sua hora está prestes a chegar...

“[...] todo mundo é parecido quando sente dor [...]”⁸
(Frejat)



REFERÊNCIAS

CUNHA, Valdelúcio F. da. **O discurso poético**: discursos, poesia, crônicas, peça teatral. Guanambi/BA: Gráfica Giordani, 1996.

FONSECA, Delmo (Org.). **Poesias, contos e crônicas**. Rio de Janeiro/RJ: Pensata, 2008.

JESUS, Sérgio Nunes de (Org.). **A caminho da literatura**: tessitura & linguagens. Cacoal/RO: D'Press Editora & Gráfica, 2004.

JESUS, Sérgio Nunes de (Org.). **Literaturas soltas**. Espigão do Oeste/RO: D'Press Editora & Gráfica, 2004.

JESUS, Sérgio Nunes de. **A poética da desordem no limite da arte**: atos e fatos. Cacoal/RO: D'Press Editora & Gráfica, 2004.

JESUS, Sérgio Nunes de. **Reflexos**. Rio de Janeiro/RJ: Pensata, 2010.

JESUS, Sérgio Nunes de; BORGES, Maria Cristina Ramos (Org.). **Contos que a vida conta**. Rolim de Moura/RO: D'Press Editora & Gráfica, 2011.

JESUS, Sérgio Nunes de; SANTOS, Carlos Alberto Suniga (Orgs.). **Verso & prosa**: antologia de poesias, contos e crônicas. Cacoal/RO: D'Press Editora & Gráfica, 2006.

VÁRIOS AUTORES. **Antologia de poesias, contos e crônicas**: palavras que falam. Volume I. São Paulo/SP: Scortecci, 2006.



Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização

Versão final

Versão final

SOBRE O LIVRO

Tiragem: 1000

Formato: 14 x 21 cm

Mancha: 10 x 17 cm

Tipografia: Times New Roman 11 | 12 | 16 pt

Arial 6,5 | 8 | 9 pt

Curls MT 18 | 24 | 72 pt

Humanst521 BT 12,5 pt

Papel: Pólen 80 g/m² (miolo)

Royal Supremo 250 g/m² (capa)

Editora CRV - Proibida a impressão e comercialização